

# TENISTAS TOP 100 – UM ESTUDO SOBRE AS IDADES DE PASSAGENS PELOS DIFERENTES MARCOS DA CARREIRA DESPORTIVA

**Caio Correa Cortela**

Federação Paranaense de Tênis, Curitiba, Paraná, Brasil

**Manuel João Coelho e Silva**

Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

**Juan Pedro Fuentes García**

Universidade de Extremadura, Badajoz, Espanha

**Débora Navarro Rocha**

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

## Resumo

O presente trabalho procurou analisar o percurso desportivo dos tenistas que integraram o Top 100 do ranking ATP, observando-se as idades em que os mesmos ultrapassaram os diferentes marcos da carreira desportiva. Neste sentido, foram produzidas estatísticas de tendência central e de dispersão sobre as variáveis selecionadas. Complementarmente, os tenistas foram divididos em três grupos com diferentes níveis de desempenho máximo e seus resultados foram comparados através da ANOVA. Os resultados demonstraram que os tenistas iniciam a prática do tênis aos seis anos de idade, levando em média 15 anos para atingirem o Top 100 do ranking ATP.

**Palavras-chave:** Tênis - Competição - Percurso Desportivo - Evolução nos Rankings

---

## Introdução

O tênis é um dos desportos mais praticados em todo mundo. Segundo dados apresentados pela International Tennis Federation (ITF) estima-se que mais de 60 milhões de pessoas praticam esta modalidade, nos mais de 200 países filiados a esta instituição (PLUIM et al., 2006). O reconhecimento social e as elevadas remunerações recebidas pelos tenistas de destaque, têm elevado o número de atletas aspirantes a seguirem uma carreira profissional nesta modalidade.

No entanto, o aparecimento de atletas considerados talentosos no desporto é algo difícil de ocorrer. Por exemplo, na natação, Fernandes Filho e Carvalho (1999) relatam que nos países de destaque mundial, a cada 5000 a 6000 crianças que se iniciam neste desporto, oito a 10

são selecionadas para se especializarem e que destas apenas uma atinge o alto rendimento. Smith (2003), em seu trabalho, relata a existência de dois tipos de atletas na elite desportiva: os talentosos geneticamente ou também chamados de talentos puros; e os atletas com alta capacidade de trabalho quando submetidos a um sistema de treino que orientem os seus esforços.

Na ótica do treino desportivo, a preparação de atletas com expectativa de alto rendimento é um processo longo e complexo (MARQUES, 1985). Segundo Balyi (2005) os estudos têm demonstrado que são necessários, no mínimo, 10 anos e 10.000 horas de treino para que um atleta considerado talentoso consiga atingir níveis elevados de performance (elite) na sua modalidade desportiva. Segundo o mesmo autor, isto significa que o atleta deverá treinar ou competir, em média, mais de três horas diárias durante 10 anos.

Elliott (2006) acrescenta que para se atingir o mais alto nível no tênis é necessária uma combinação de fatores, dos quais: um atleta talentoso, um bom treinador, bons equipamentos e um conhecimento científico das especificidades deste desporto. Para além destes fatores, as oportunidades de se competir ao mais alto nível têm sido colocadas como elemento primordial na formação de tenistas de elite (REID et al., 2007a). A ITF é a principal responsável pela elaboração do sistema de classificação mundial (ranking ITFJC) até o escalão sub-18 anos. Posteriormente, o escalonamento é efetuado pela Men's Professional Tennis (ATP) que destina a ordenação dos tenistas seniores profissionais. Em alguns casos existem jogadores que, num período terminal de formação desportiva, pontuam concomitantemente nos dois sistemas.

Considerando que o sucesso no tênis tem origem multifatorial e acreditando que apenas uma minoria dos 100 melhores tenistas do ranking ATP possam ser considerados talentos puros, as nações que desejarem se destacar neste desporto deveriam propiciar todos os recursos materiais e humanos necessários para o desenvolvimento de um número significativo de atletas que apresentem uma alta capacidade de trabalho.

Neste sentido, o presente trabalho procurou analisar o percurso desportivo dos tenistas que integraram o Top 100 do ranking ATP, observando-se as idades em que os mesmos ultrapassaram os diferentes marcos da carreira desportiva (Tops 400, 200 e 100 do ranking ATP) e as respectivas evoluções nos rankings ITFJC e ATP. Concomitante-

mente procuramos averiguar se os grupos que apresentam diferentes níveis de desempenho máximo, diferiram entre si quanto as idades de passagens pelos distintos marcos da carreira desportiva e classificações nos rankings. Por fim, verificamos ainda qual a procedência dos tenistas Top 100 e quais são as condições oferecidas pelas nações de maior destaque no cenário internacional para o desenvolvimento de tenistas de elite.

### **Nações de sucesso e os fatores indiciadores de êxito no tênis**

De acordo com Crespo (2006), as nações consideradas como potências mundiais no tênis destacam-se de duas formas distintas: ou pelo seu rendimento, ou pelo seu nível de desenvolvimento. De um modo geral, as nações que se destacam pelo seu rendimento possuem tenistas de elevado nível, que apresentam resultados expressivos nas competições internacionais, individuais ou por equipes. Estes atletas são oriundos de um sistema competitivo equilibrado (qualidade e quantidade) e com oferta de recursos materiais e humanos de qualidade que garantem o bom desenvolvimento destes tenistas.

Por outro lado, as nações que têm se destacado pelo seu nível de desenvolvimento apresentam um elevado número de tenistas habituais, obtidos através de programas políticos de popularização e de ofertas de infraestruturas que possibilitam a prática em colégios, clubes e parques públicos.

Ao realizarem uma revisão da literatura sobre este assunto, Crespo et al. (2003) relataram que inúmeros fatores podem contribuir para o desenvolvimento de tenistas de elite dentro de um país. Dentre eles, estão a tradição do país na modalidade, as oportunidades competitivas, as condições de treino, qualidade das infraestruturas, o clima, o nível e aplicação dos treinadores, o acesso aos clubes e quadras e a existência de tenistas de elite para servirem como modelo. Crespo (2006) relata que os principais fatores apontados pelas nações como limitadores do sucesso de um país no cenário internacional são o financiamento e a falta de treinadores de nível elevado.

#### **Financiamento**

O financiamento é apontado como o principal responsável pelos resultados apresentados pelos países no cenário internacional (CRES-

PO, 2006). Julga-se que isto se deva ao fato de o financiamento influenciar de forma direta ou indireta a maior parte dos demais fatores citados. Cientes das diferentes realidades econômicas e sociais vivenciadas pelos países, De Bosscher et al. (2003) sugerem que o verdadeiro êxito de uma nação só pode ser verificado se considerarmos para além do êxito absoluto, o êxito relativo apresentado pelo país. De acordo com os autores, ao analisar apenas o êxito absoluto acaba-se por desconsiderar as diferenças estruturais apresentadas pelos países (situação socioeconômica, produto interno bruto, população, entre outros) impossibilitando, com isto, possíveis comparações do verdadeiro sucesso desportivo.

Neste sentido De Bosscher et al. (2003) definiram os países de maiores êxitos relativos entre os tenistas do Top 1000 e do Top 100 para ambos os sexos. De acordo com autores, as cinco nações de maior sucesso relativo no Top 1000 são: Espanha, França, República Checa, Argentina e Alemanha, respectivamente nesta ordem. Por outro lado quando se observam apenas os tenistas Top 100, Espanha, França, Estados Unidos, República Checa e Argentina são as nações de maior destaque.

### Formação dos treinadores

Outro fator considerado como essencial para o sucesso de uma nação no cenário internacional diz respeito à qualificação e à aplicação dos treinadores responsáveis pelos treinos da modalidade. De um modo geral, a qualificação dos treinadores ocorre por três vias distintas: as federativas, a universitária, e as formações obtidas através das associações privadas, sendo que as primeiras são as mais observadas entre os treinadores (FUENTES; VILLAR, 2004).

Apesar de verificar a necessidade de qualificação dos treinadores, alguns estudos têm referido que a formação necessária para os treinadores de alto rendimento apresenta algumas particularidades que vão além dos conteúdos habituais vivenciados nas distintas vias institucionalizadas de formação. Esta situação fica explicitada no trabalho desenvolvido por Fuentes; Villar (2004) com treinadores espanhóis de tenistas Top 100, em que dos 20 treinadores inqueridos, nenhum possuía quaisquer formações acadêmicas relacionadas à Educação Física e às Ciências do Desporto e menos de metade dos treinadores havia

participado em algum momento da carreira, de qualquer tipo de formação na área do tênis.

### Oportunidades competitivas

De acordo com Crespo et al. (2003), os países que oferecem suficientes oportunidades competitivas beneficiam não só os tenistas profissionais, mas também os demais tenistas que aspiram seguir uma carreira profissional, possibilitando a estes atletas situações nas quais as suas habilidades podem ser testadas perante os atletas de maior nível técnico.

Para além destes fatores anteriormente citados, os países que realizam um maior número de torneios proporcionam aos seus tenistas a oportunidade de competirem a um bom nível e pontuarem nos rankings internacionais, sem a necessidade de viajarem muito, o que acaba por reduzir os custos operacionais principalmente no momento da transição do juniores para o profissional, fator este que é relatado por muitos tenistas como limitante, tendo em vista que, nesta etapa, os prêmios recebidos não são suficientes para arcar com os despesas de treinos e viagens.

### Metodologia

A amostra do estudo foi constituída pelos 100 tenistas que integraram o Top 100 do ranking ATP à data de 31 de Dezembro de 2007, na variante singulares. A idade média observada para os tenistas em questão foi de 26,1 anos de idade, tendo o tenista mais jovem 18,4 anos e o tenista mais velho 35,8 anos. Estes tenistas procederam de 26 países, sendo que sete destas nações foram responsáveis pelo desenvolvimento de 64% dos tenistas Top 100. As variáveis observadas foram:

- A) Data de nascimento;
- B) Idade em que iniciou a prática do tênis;
- C) Melhor posição obtida no ITFJC;
- D) Data de obtenção do melhor ranking ITFJC;
- E) Melhor classificação no ranking ATP no momento de obtenção do melhor ranking ITFJC;
- F) Melhor classificação no ranking ATP ao final da época de juniores;
- G) Data de entrada no Top 400 do ranking ATP;
- H) Data de entrada no Top 200 do ranking ATP;
- I) Data de entrada no Top 100 do ranking ATP;

- J) Melhor classificação da carreira no ranking ATP;  
K) Data de obtenção do melhor ranking ATP.

As informações referentes às variáveis (A, B, C e D) foram recolhidas no site oficial da ITF, sendo a última atualização ocorrida no ranking ITFJC em 2007, no dia 17 de dezembro. Os dados foram recolhidos no perfil dos jogadores que pode ser visualizado através do endereço (<http://www.itftennis.com/juniors>). O acesso ao perfil do tenista foi obtido através da inserção do nome de família utilizado pelos mesmos no circuito profissional, ou seja, o nome apresentado pelos mesmo no ranking ATP.

As informações referentes às variáveis (E, F, G, H, I, J e K) foram recolhidas no site oficial da ATP, para última atualização ocorrida no ranking ATP em 2007, no dia 31 de dezembro. Os dados foram recolhidos no site oficial da entidade através do endereço (<http://www.atptennis.com/en/players/>). Acedeu-se aos perfis dos jogadores e aos históricos dos rankings, utilizando os nomes de família registados pelos mesmos no circuito profissional.

Para a variável E estabeleceu-se qual foi o melhor ranking ATP obtido para cada um dos tenistas na data em que os mesmos atingiram a melhor classificação no ranking juniores ITFJC.

Para a variável F estabeleceu-se qual foi o melhor ranking ATP obtido por cada um dos tenistas até o final da época em que completaram ou completariam 18 anos de idade.

Em relação às variáveis G, H e I, foram consideradas as primeiras datas em que os tenistas se posicionaram nos Tops 400, 200 e 100 do ranking ATP.

Através da utilização do software SPSS versão 15.0, foram produzidas estatísticas de tendência central e de dispersão sobre as variáveis selecionadas.

Complementarmente, os tenistas foram divididos em três grupos com diferentes níveis de desempenho máximo. O grupo um (G1) foi composto pelos tenistas que em algum momento da carreira, estiveram classificados entre os 10 melhores do ranking ATP. O grupo dois (G2) foi composto pelos tenistas que, em algum momento da carreira, estiveram enquadrados entre a 11<sup>a</sup> e 39<sup>a</sup> posições no ranking ATP. Por fim, o grupo três (G3) foi composto pelos tenistas que obtiveram como melhor classificação no ranking ATP, as posições entre o 40<sup>o</sup> e o 100<sup>o</sup> lugar.

Nas provas estatísticas de comparação entre grupos, foi realizada

uma análise de variância (ANOVA) utilizando-se para isto o teste Scheffé, com o nível de significância pré-estabelecido em  $p \leq .05$ .

## **Análise dos dados e discussão**

### Nações de sucesso e os fatores indiciadores de êxito no tênis

A Tabela 1 apresenta os países de origem dos tenistas Top 100. Verificamos que 26 nações possuíam pelo menos um tenista neste seleto grupo. A constatação de que mais da metade dos tenistas Top 100 advém apenas de sete países (Alemanha, Argentina, Espanha, França, Itália, Rússia e USA) faz com que voltemos as nossas atenções para estas nações com o intuito de buscarmos compreender quais são os principais aspectos que poderiam estar promovendo tal sucesso.

Analisando em primeira instância apenas as oportunidades competitivas oferecidas por estas nações, constatamos que, com exceção de Argentina e Rússia, os demais países são os cinco maiores realizadores de torneios no circuito ATP, estando em conformidade com os achados de Crespo et al. (2003), que apontam o fato de que a oferta de boas oportunidades competitivas influencia significativamente o aparecimento de tenistas de elite. Isto possibilita aos tenistas destas nações competirem em grande nível durante todo o ano, sem a necessidade de viajarem muito, facilitando a conquista dos primeiros pontos a baixa custo, o que permite a um maior número de tenistas investirem na carreira profissional.

Apesar de não possuir um elevado número de torneios, Segal (citado por Crespo et al., 2003) advoga que, na Argentina, outros fatores tais como as extensas competições interclubes, associadas à forte tradição do tênis e à determinação dos atletas argentinos em viajar, auxiliam o desenvolvimento dos tenistas. Excepcionalmente no caso dos atletas russos, a disponibilidade para viajar e treinar fora do país, em conjuntura com bons modelos de tenistas profissionais e uma grande determinação para atingir o sucesso na modalidade, são apontadas como algumas das razões do sucesso destes tenistas nos circuitos masculino e feminino (CRESPO et al., 2003; REID et al., 2007b).

Apesar de os países exibirem diferentes modelos de formação de treinadores, observa-se que em países como Alemanha, Espanha e França, por exemplo, a carga horária de formação para se obter a maior titulação federativa apresenta valores superiores às 300 horas. Por

outro lado, questiona-se até que ponto estas formações federativas e mesmo as acadêmicas se colocarão como essenciais para o trabalho com tenistas deste patamar, uma vez que o estudo conduzido por Fuentes e Villar (2004) constatou que menos da metade dos treinadores espanhóis de alto rendimento inqueridos havia participado de algum tipo de formação federativa, acrescido que nenhum deles possuía qualquer formação acadêmica nesta área.

Desta forma, assim como afirma Vicario (2003), consideramos que a experiência adquirida pelos treinadores, enquanto jogadores do circuito profissional, parece ser mais determinante no trabalho com este tipo de atletas. Neste sentido, a maior tradição destes países em formar jogadores profissionais parece estar a auxiliar o desenvolvimento de futuros treinadores, mantendo-se um ciclo, que até ao momento, em conjunção com outros fatores colabora para os bons resultados apresentados por estas nações.

Quando observamos o trabalho de De Bosscher et al. (2003) referente ao sucesso relativo de diversas nações no tênis, verificamos que os sete países de maior destaque encontrados em nosso estudo, se apresentavam entre as nações de maior destaque, quando as variáveis socioeconômicas foram controladas. Ao analisarmos o êxito relativo das setes nações de destaque de nosso estudo, observa-se que é possível obter a excelência neste desporto quando se realiza um bom trabalho, mesmo nos países com populações menos alargadas e com uma situação socioeconômica ainda em desenvolvimento, como o caso da Argentina.

Uma análise simples e conjunta dos três fatores debatidos anteriormente (financiamento, formação de treinadores e oportunidades competitivas), permite-nos relatar a origem multifatorial do sucesso no tênis, observando-se que as nações de maior prestígio nesta modalidade se apresentam em destaque em diversos aspectos considerados, não havendo nenhuma nação que se sobressaísse em apenas um deles.



Tabela 1: Distribuição para a totalidade da amostra para o país de origem dos tenistas Top 100 ATP

<b>País</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem acumulada</b>
França	15	15
Espanha	12	27
Argentina	11	38
Alemanha	8	46
USA	7	53
Rússia	6	59
Itália	5	64
Croácia	4	68
Austrália	3	71
Áustria	3	74
Bélgica	3	77
Sérvia	3	80
Suécia	3	83
Chile	2	85
República Checa	2	87
Romênia	2	89
Suíça	2	91
Canadá	1	92
Chipre	1	93
Colômbia	1	94
Finlândia	1	95
Israel	1	96
Korea	1	97
Letônia	1	98
Peru	1	99
Reino Unido	1	100

### Idades de início da prática e de passagem pelos diferentes marcos da carreira desportiva

Como pode ser visto na Tabela 2, a idade média para o início da prática do tênis observada para os tenistas do Top 100, encontra-se em concordância com as idades de início sugeridas pela literatura (SEGAL, 1997; CRESPO; MILEY, 1999; FUENTES; VILLAR, 2003).

Analisando as idades mínimas e máximas apresentadas para esta variável, percebe-se a importância, de um modo geral, de se iniciar cedo a prática do tênis para se atingir os mais altos rendimentos, como sugerido por (RASICCI, 1986). As dificuldades técnicas e a necessidade de se familiarizar com um material desportivo estranho ao cotidiano das crianças fazem com que seja imprescindível iniciar cedo a prática desta modalidade.

Tabela 2: Estatística descritiva para a totalidade da amostra nas variáveis etárias (expressas em anos)

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Idade início prática	2	10	5,8	1,7
Idade melhor ranking ITFJC	15,1	19,0	17,5	0,8
Idade entrada Top 400 ATP	15,8	24,7	18,8	1,5
Idade entrada Top 200 ATP	16,1	27,4	19,9	2,1
Idade entrada Top 100 ATP	16,9	29,2	21,2	2,5
Idade de obtenção do melhor ranking ATP	18,3	33,3	24,2	3,0
Idades dos tenistas Top 100 ATP	18,4	35,8	26,1	3,7

Ao nos atentarmos para a idade de ocorrência da melhor classificação no ranking ITFJC alcançada pelos tenistas Top 100, verificamos que as diferenças observadas entre as idades mínimas e máximas para esta variável alertam para questão colocada, inicialmente neste estudo, quanto aos percursos competitivos. A idade mínima de 15,1 anos de idade sugere que alguns tenistas têm abdicado de expressar todo o seu potencial no circuito ITFJC introduzindo-se efetivamente no circuito ATP. Esta difícil decisão deve ser tomada pelos treinadores, ponderando as vantagens e desvantagens desta opção principalmente em idades precoces.

Isto porque há uma série de mudanças nas exigências competitivas decorrentes da transição do circuito junior para o profissional. Num primeiro momento, os tenistas ainda em idades relativamente baixas têm de se acostumar com um novo ambiente de competição, repleto de pressões e de incessantes buscas por resultados, em que jovens, que se destacavam e gozavam de diversos privilégios e de um elevado “status” por serem os melhores juniores do mundo, passam a ser apenas mais um, num circuito extremamente competitivo.

Para além desta situação, estes atletas começam a enfrentar uma diversidade muito maior de tenistas, variando desde tenistas ainda jovens considerados promessas da modalidade, até tenistas 20 anos mais velhos com grande experiência no circuito ATP apesar de não apresentarem boas classificações. É possível que o grande número de jogos com uma exigência elevada em idades tão precoces possa encurtar a carreira dos tenistas levando ao aparecimento de lesões, abrindo-se a discussões em torno do limite de torneios profissionais, onde se pode participar com idades relativamente baixas.

Quando examinamos as idades de entrada no Top 400 verificamos que 65% da amostra em questão ultrapassaram este marco da carreira

desportiva antes dos 19 anos de idade, constatando-se que muitos destes tenistas atingem esta barreira em idades em que ainda poderiam estar competindo no circuito junior.

Menos de 20% dos tenistas observados cruzaram a barreira do Top 200 após os 21,2 anos de idade, percentagem similar à observada para os tenistas que cruzaram a barreira do Top 100 depois dos 23 anos de idade. Diferentemente do que tem se observado no tênis feminino, em que um número significativo de atletas tem conseguido resultados expressivos no circuito profissional ainda em idades relativamente precoces, verificamos que para o tênis masculino são exceções (quatro por cento) os casos de tenistas que entraram no Top 100 antes dos 18 anos de idade, observando-se uma idade média de 21,2 anos.

A idade média de 24,2 anos para obtenção dos melhores resultados vai de encontro à opinião de Segal (1997). Segundo o autor, é a partir desta faixa etária que os tenistas se encontram realmente maduros em suas carreiras. Estes achados sugerem que os tenistas, que desejam apostar fortemente na carreira profissional, devem esperar pelo menos até este momento para confirmar as suas melhores marcas no circuito, lembrando que boa parte dos tenistas atinge as melhores classificações em idades ainda mais tardias.

Examinando a idade média de entrada no Top 100, verificamos que são necessários em média 15 anos para que um tenista que iniciou a prática da modalidade aos seis anos de idade consiga atingir o Top 100. Estes resultados encontram-se em concordância com as opiniões de Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993). Segundo esses autores, os mais altos níveis são atingidos lentamente, sendo resultado de um mínimo de 10 anos de intensa preparação, enfatizando o papel da prática deliberada na formação de tenistas de elite.

Quando comparamos as idades de iniciação no tênis, de melhor ranking ITFJC e da melhor classificação ATP da carreira (Tabela 3), não constatamos diferenças estatisticamente significativas entre as idades apresentadas pelos grupos com diferentes níveis de desempenho máximo. Por outro lado, para os demais marcos desportivos, verificamos que os tenistas que em algum momento da carreira estiveram entre os 10 melhores classificados do mundo (G1), atingiram estes resultados em idades significativamente mais baixas do que os demais grupos.

Relativamente à idade média de entrada no Top 100 referente aos tenistas que estiveram no Top 10 do ranking ATP, verificamos que os

mesmos adentraram este marco desportivo em idades semelhantes às que os tenistas dos demais grupos ainda adentravam o Top 400, demonstrando maior facilidade por partes dos tenistas com este nível de desempenho em transitarem do circuito junior para o profissional. Não foram encontradas diferenças significativas para as variáveis etárias entre os tenistas com melhores classificações ATP na carreira entre 11<sup>a</sup> e 39<sup>a</sup> posições e os tenistas com melhores classificações ATP na carreira entre 40<sup>a</sup> e 100<sup>a</sup> posições.

Tabela 3: Comparação entre grupos de tenistas com diferentes níveis de desempenho máximo (melhor classificação ATP senior) relativamente às idades (expressa em anos) em que ocorreram diferentes marcos de preparação desportiva

	G 1-10 (n=25)		G 11-39 (n=31)		G 40-100 (n=27)		F	P	Eta <sup>2</sup>
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp			
Idade de início da prática	5,5	1,6	5,7	1,7	5,9	1,9	0,312	0,73	0,01
Idade do melhor ranking ITFJC	17,5	0,7	17,6	0,7	17,5	0,9	0,053	0,95	0,00
Idade de entrada no Top 400 ATP	17,8	0,8	19,2	1,7	19,0	1,3	8,106	0,00	0,17
Idade de entrada no Top 200 ATP	18,4	1,0	20,1	2,0	20,4	2,0	10,030	0,00	0,20
Idade de entrada no Top 100 ATP	19,3	1,4	21,3	2,2	22,0	2,5	12,194	0,00	0,23
Idade de obtenção do melhor ranking ATP	23,3	2,5	24,2	2,1	23,4	3,2	1,110	0,33	0,03

### Melhores resultados da carreira desportiva

Se observarmos a frequência de ocorrência do melhor ranking ITFJC dos tenistas Top 100, verificamos que mais da metade destes atletas (51,8%) já esteve classificada no Top 20 do ITFJC. Estes achados reforçam o papel do ITFJC como indicador significativo para resultados posteriores no ranking ATP como argumentam os estudos (MILEY e NESBITT, 1995; REID et al., 2005; REID et al., 2007a).

Ao analisarmos os melhores resultados obtidos no sistema ATP ao final da época de juniores, constatamos que mais da metade tenistas Top 100 já se encontrava neste momento inserida no Top 400. Este resultado juntamente com a melhor classificação ITFJC obtida até o final da época de juniores, sugere que estes tenistas têm priorizado a participação em eventos profissionais neste momento de transição entre os circuitos juniores e profissional (Tabela 4).

Tabela 4: Estatística descritiva para a totalidade da amostra relativamente às melhores pontuações ITFJC, ATP (junior) e ATP (senior)

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
ITFJC	1	640	102	157
ATP – no momento do melhor ranking ITFJC	151	1400	736	367
ATP – ao final da época juniores	22	1326	495	364
ATP	1	98	32	26

Quando nos atentamos as classificações obtidas nos rankings ITFJC e ATP pelos tenistas com diferentes níveis de desempenho máximo, verificamos que, com exceção da melhor classificação no ranking ITFJC, para todas as demais classificações os tenistas que em algum momento da carreira estiveram entre os 10 melhores classificados do ranking ATP apresentaram resultados significativamente superiores aos atletas dos demais grupos (Tabela 5).

Desta forma, verificou-se que os tenistas com este nível de desempenho máximo, para a mesma idade média de 17,5 anos referentes a idade de melhor classificação no ranking ITFJC, já apresentavam classificações paralelas no ranking ATP superiores aos demais, apesar de não se observarem diferenças significativas para as classificações ITFJC ocorridas neste mesmo momento. Estes achados sugerem que os tenistas pertencentes ao G1, para esta mesma idade, já competiam de forma mais efetiva no circuito profissional e apresentavam maiores margens de progressão, o que justificaria estas diferenças observadas nas classificações.

Tabela 5: Comparação entre grupos de tenistas com diferentes níveis de desempenho máximo (melhor classificação ATP senior) relativamente às melhores pontuações ITFJC, ATP (junior) e ATP (senior)

	G 1-10 (n=24)		G 11-39 (n=22)		G 40-100 (n=19)		F	P	Eta <sup>2</sup>
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp			
ITFJC	41	91	72	127	67	144	0,446	0,64	0,01
ATP – no melhor ranking ITFJC	533	300	782	359	940	336	8,297	0,00	0,21
ATP – ao final da época juniores	225	189	492	306	534	364	7,570	0,00	0,20
ATP	5	3	25	6	65	18	172,183	0,00	0,85

## Considerações finais

De um modo geral observamos que as nações responsáveis pelo desenvolvimento de mais da metade dos tenistas Top 100 apresenta

entre outros fatores boas oportunidades competitivas e treinadores com grande experiência no circuito.

Examinando a idade média de entrada no Top 100, verificamos que são necessários em média 15 anos para que um tenista que iniciou a prática da modalidade aos seis anos de idade consiga atingir o Top 100.

Por fim verificamos que os tenistas, que em algum momento da carreira desportiva estiveram classificados no Top 10, apresentam resultados significativamente superiores aos demais atletas do Top 100, atingindo os Tops 400, 200 e 100 em idades mais baixas e apresentando melhores classificações em todos os rankings com exceção da melhor classificação no ranking ITFJC.

Para estudos futuros, sugerimos acompanhar se as mudanças ocorridas no sistema de pontuação a partir da temporada de 2009, poderão alterar as tendências apresentadas neste estudo.

---

### **The Top 100 tennis players - a study about ages of crossing by different milestones of sporting career**

#### **Abstract**

This study sought to analyze the sports course of tennis players who joined the Top 100 ATP ranking, noting the ages at which they passed the different milestones of sporting career. In this sense, statistics of central tendency and dispersion about the selected variables were produced. In addition, the tennis players were divided into three groups with different levels of maximum performance and their results were compared using ANOVA. The results showed that the tennis players start practicing tennis at age six, taking on average 15 years to reach the Top 100 ATP ranking.

**Keywords:** Tennis - Competition - Sports Course - Evolution in Rankings

### **Tenistas Top 100 – un estudio sobre las edades de paso por las diferentes etapas de la carrera deportiva**

#### **Resumen**

El presente estudio tuvo el objetivo de analizar la trayectoria deportiva de tenistas que integraban el Top 100 del ranking ATP, observándoles las edades en que alcanzaban las diferentes etapas de su trayectoria deportiva. En este sentido, fueron realizadas estadísticas de tendencia central y de dispersión de las variables seleccionadas. Los tenistas fueron divididos en tres grupos con diferentes niveles de rendimiento máximo y sus perfiles fueron comparados por ANOVA. Los resultados mostraron que los tenistas comienzan la práctica del tenis a los seis años, llevando una media de 15 años para alcanzar el Top 100 del ranking ATP.

**Palabras clave:** Tenis – Competición - Carrera Deportiva - Evolución en los Rankings

## Referências

ATP. **Men's Professional Tennis**. Londres. Disponível em: <<http://www.atptennis.com/en/players/>>. Acesso em: 31/12/2007.

BALYI, I. **Long-term Athlete Development**. Canadian Sport for Life. 2005. Disponível em <<http://www.canadiansportforlife.ca/upload/docs/LTAD%20Downloads%20Eng/Canadian%20Sport%20for%20Life%20Resource%20Paper.pdf>>. Acesso em: 04/12/2007.

CRESPO, M.; MILEY, D. **Manual para treinadores avançados**. England. International Tennis Federation Ltd, 1999.

CRESPO, M. et al. The relationship between professional tournament structure on the national level and success in men's professional tennis. **Journal of Science and Medicine in Sport**, Austrália, v. 6, n. 01, p. 3-13, 2003.

CRESPO, M. **Las potencias mundiales del tenis: razones del éxito**, 2006. Disponível em <[http://www.itftennis.com/shared/medialibrary/pdf/original/IO\\_7238\\_original.PDF](http://www.itftennis.com/shared/medialibrary/pdf/original/IO_7238_original.PDF)>. Acesso em: 20/08/2007.

DE BOSSCHER, V. et al. Comparing tennis success among countries. In: Crespo, M.; Reid, M.; Miley D. **Applied sport science for high performance tennis**. Londres: ITF ltd, 2003. p. 136.

ELLIOTT, B. Biomechanics and tennis. **Br. J. Sports Med**, Inglaterra, v. 40. p. 392-396, 2006.

ERICSSON, K.A.; KRAMPE, R.T.; TESCH-RÖMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, Washington, v. 100, n. 03, p. 363-406, 1993.

FERNANDES FILHO, J.; CARVALHO, J. L. Potencialidades desportivas de crianças segundo a perspectiva da escola soviética. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 1, n. 01, p. 96-107, 1999.

FUENTES, J. P. G.; VILLAR, F. A. **La formación didáctica del entrenador de tenis de alta competición**. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2003.

FUENTES, J. P. G.; VILLAR, F. A. **El entrenador de tenis de alto rendimiento** – un estudio sobre su formación inicial y permanente. Badajoz: APROSUBA -3, 2004.

ITF. International Tennis Federation. Londres. Disponível em: <<http://www.itftennis.com/juniors/>>. Acesso em: 17/12/2007.

MARQUES, A. A carreira desportiva de um atleta de fundo. **Revista Horizonte**. v. 2, n. 09, p. 84-89, 1985.

MILEY, D.; NESBITT, J. ITF junior tournaments are a good indicator. **ITF Coaching and Sport Science Review**, Londres, v. 7, p. 12, 1995.

PLUIM, B. et al. Tennis injuries: occurrence, aetiology, and prevention. **Br J Sports Méd**, Inglaterra, v. 40, p. 415–423, 2006.

RASICCI, A. Enseñanza del tenis primario. In I SIMPOSIUM INT. PROF. ENSEÑANZA. BARCELONA, 1986, Madrid, Real Federación Española de Tenis, **Escuela Nacional de Maestría de Tenis**, 1986, p. 17-22.

REID, M. et al. The ITF junior boys circuit and its role in professional player development. **ITF Coaching e Sport Science Review**, Inglaterra, v. 35, p. 2-3, 2005.

REID, M. et al. The importance of the International Tennis Federation's junior boys' circuit in the development of professional tennis players. **Journal of Sports Sciences**, Inglaterra, v. 25, n. 06, p. 667-672, 2007a.

REID, M. et al. Tournament structure and nations' success in women's professional tennis. **Journal of Sports Sciences**. Inglaterra, v. 25, n. 11, p. 1221-1228, 2007b.

SEGAL, F. **Sistema analítico formativo**. Buenos Aires: AAT, 1997.

SMITH, D. A framework for understanding the training process leading to elite performance. **Sports Med**. v. 33, n.15, p. 1103-1126, 2003.

VICARIO, E. S. High level tennis in Spain: The Sanchez Casal Aca-



demy. In CRESPO, M.; REID, M.; MILEY D. **Applied sport science for high performance tennis**. Londres: ITF ltd, 2003, p. 79-92.

---

Recebido em: 21/04/2010

Revisado em: 26/06/2010

Aprovado em: 08/09/2010

**Endereço para correspondência**

deboranavarrorocha@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Departamento de Educação Física - DEDUFÍS.

Avenida Carlos Cavalcanti, 4748

Uvaranas

84030-900 - Ponta Grossa, PR - Brasil